

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christu Jesu

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *O venerando Arcebispo de Larissa e a imprensa revolucionaria* (conclusão), pela redacção.—Secção Religiosa: *Missa em Rebordões*, por M. F.; *Breve importante acerca dos capellães militares*.—Secção Historica: *O verdadeiro auctor da Imitação de Christo*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *José Carlos de Faria e Castro II*, por um funchalense; *Jubileu!* por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Litteraria: *As Arc-Marias*, poesia, por A. Moreira Bello.—Secção Illustrada: *XXII, Morte de S. José*, por R.—Secção Necrológica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.
Gravuras: *Morte de S. José* (copin de um formoso quadro).

O Venerando Arcebispo de Larissa e a imprensa revolucionaria

(Continuado do n.º anterior)

pois, dever impreterível do pastor investigar e saber quantos no seu rebanho vivem em escandalosa mancebia, e dirigir-se a esses transviados, pedindo, supplicando, de mãos erguidas, se fôr preciso—pois nunca elle com tal procedimento se abate—, que, nos casos em que isso é possível, tornem nobre e pura pelo sancto Sacramento do Matrimonio, e, n'aquelles em que é isso impossivel, abandonem para sempre uma vida que perante o mundo é um escandalo, perante a lei uma illegitimidade, e perante Deus um peccado de morte eterna. E é obrigação não menos impreterível do pastor insistir pertinazmente n'estes sanctos e nobilissimos esforços, resignando-se na paciencia christã, quando mesmo seja brusca ou violentamente repellido. Tem de insistir sempre, porque ou consegue uma união legitima, e é isso para elle una gloria immarcessivel em bem da Religião e da sociedade, ou lhe fica ao menos a consolação intima de que desempenhou cabalmente a sua missão veneranda.

Eis, n'este particular, os deveres do Parocho dentro dos limites de sua freguezia e dos seus poderes, e os do Bispo na mais larga área de sua Diocese e de sua jurisdicção: pois, além de que o Bispo pôde e deve fazer a este respeito, quando fôr necessario, tudo o que pôde e deve fazer o Parocho, ha casos especiaes em que é mister que aquelle intervenha empregando seu prestigio e auctoridade moral, facilitando dispensas, dando ou delegando poderes, e por outros motivos que as circumstancias exigem e o defeito previne.

Nunca os meios temporaes e coercitivos foram os mais efficazes para n'estes casos se alcançar bom resultado. Dizemos muito francamente, e com as mãos na consciencia, que, ao referir-Nos ás mancebias n'aquella Nossa Circular,

nem pela mente Nos passou o futuro emprego directo ou indirecto de taes meios. E ainda declaramos mais que, posto que d'elles Nos pudessemos servir, nunca os empregariamos, porque para estes e para outros muitos casos só temos confiança na efficacia dos Moraes e espirituaes.

Do que não prescindimos é da liberdade de Nos dirigirmos a todos os Nossos filhos em Jesus Christo e de lhes bradarmos a imitação do Apostolo: Qualquer que seja o vosso estado, sede castos, sede honestos, para poderdes entrar no reino do céo! (1)

Muito facil Nos seria, mas levar-Nos ia muito longe, a justificação de cada uma das perguntas que fizemos n'aquella Circular. Deixamos explicada e justificada uma d'ellas, escolhida de proposito por ser uma das que mais desagradou a um mui pequeno numero de pessoas d'entre aquellas que n'esta Diocese tiveram conhecimento da mesma Circular. Por esta explicação que damos, sincera e leal, deveis convencer-vos todos, amados filhos em Jesus Christo, de que foram igualmente rectos e justificaveis os fins, com que fizemos as outras.

Não acrediteis nunca, amados filhos, em quem desfigurar perante vós os Nossos procedimentos e intenções. Esfres taes enganam-vos a vós e calumniam-Nos a Nós.

Vimos cumprir para comvosco e para com Deus, que Nos enviou, as obrigações de Bispo, a fim de, cumprindo-as, salvarmos a Nossa alma, e com ella salvarmos as vossas. Eis o fim ultimo de todas as Nossas Circulares e demais actos de Nosso Episcopado: eis o objectivo de Nossos trabalhos, fadigas, insomnias e cuidados.

Ouvi a palavra de vosso Prelado, e confiae nella e não deis ouvidos ao homem inimigo que pretende semear joio, e não trigo, no campo do Senhor. (2)

(1) Hebr. XIII, 4: I Cor. VI, 9, 10.
(2) S. Matth., XIII, 28.

Esta será lida pelos Reverendos Parochos à estação da Missa conventual no primeiro dia sanctificado immediato á sua recepção.

Dada em Lamego, sob Nosso signal e sello aos 4 de janeiro de 1888.

(Logar de X sello)

X João, Arcebispo de Larissa, Coadjutor de Lamego..

O Conego Secretario, Antonio Cardoso Pinto,

Protonotario Apostolico.»

Terminamos hoje a publicação d'esse documento honrosissimo para S. Ex.ª R.ª o Snr. Arcebispo de Larissa, parecendo-nos, com elle, ter bastantemente esclarecido a questão, levantada pela impiedade, pela imprensa hostil á Igreja; parecendo-nos tambem ter com ella, calado os inimigos do Illustrado e virtuoso Prelado, que, sem bem saberem do que se tratava, faziam côo com os inimigos do Clero, porque são inimigos do Clero todos esses paladinos da revolução, que tem o infamissimo costume de criticar os actos de qualquer Principe da Igreja, mas que não tem a alta dignidade, a precisa hombridade para tornarem publicos os documentos comprovativos das suas nefandas affirmações.

Se alguém nos jornaes revolucionarios, que mais ou menos criticaram a Circular de S. Ex.ª R.ª, a Pastoral que hoje concluímos de publicar?

Não, não a publicaram, porque essa publicação seria o pregão da sua deslealdade, dos maus intentos que dominam a imprensa em Portugal, da cobardia com que agredem, e da maior cobardia com que se calam depois que são desmascarados.

Saudamos mais uma vez o futuro Prelado de Lamego.

A REDACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

Missionarios em Rebordões



MISSÃO foi concorridissima a mais não poder ser. Desde o começo, em 20 de janeiro, até ao fim, em 9 de fevereiro, via-se augmentar a affluencia dos fleis d'um modo assombroso. Quem ha muito havia esquecido o caminho do confessorio, procurava o com uma perseverança admiravel, esperando um, dois, quatro, oito dias, até que lhe chegasse vez! Trabalhava-se desde as quatro da manhã até às dez da noite: homilias, todas as manhãs; sermões, excepto segundas e sabbados, todas as tardes. A loucura da cruz tocou as multidões. O artista esqueceu os instrumentos na officina; o negociante pôz de lado os cuidados assiduoz do trafico; o agricultor deu de mão ao alvião e á podôa com que amanhava os vinhedos; o infante abandonou a peculiar indolencia; o aneão, o descango a que os annos lhe davam jus, e todos, sem excepção de idade, de sexo ou condição, se aggreiriam sob electrico e unanime enthusiasmo em applicar attenção a um só ponto — a salvação da alma, pela efficacia potentissima da eterna verdade.

Disse alguém, que este insolito despertar do instincto de conservação, diffundido tão largamente pelo povo, lembrava prenuncio de fim do mundo; e parecia que assim era. Foi um delirio, um triumpho do céo, uma confusão e um vencimento de Satanaz.

Na sexta-feira, 9, foi a communhão geral, principiando ás dez e meia, ministrada a mais de 500 mulheres e 300 homens, e duas horas antes já regorgitava a igreja de communicantes, anceosos da hora suspirada, sem que, apezar do apêrto sustentado por tão largo espaço, houvesse um queixume, um movimento, um ruido, uma voz, que perturbasse a magestade, a tranquillidade silenciosa do templo.

Aquele povo, tão recolhido, tão attento, tão edificadamente concentrado, lembrava as viagens prudentes do Evangelho, aguardando a vinda do esposo, e magua funda ensombtava o rosto d'aquelles que tinham a desdita de não ter a alampada provida!

N'aquelle dia, o celestia, quantas eneffaveis expansões de coração, quanto afôr das almas para o alto, quanta felicidade bebida no manancial eucharistico, quantas lagrimas fecundas irrigando peitos ha muito estrados pelas lufadas do vicio!

Na litteratura oriental se diz: *Uma formosa noite, de mais valor que cem libras de prata.* Limitando-a, digo eu

tambem: Um esplendido dia que o não pagam todas as opolencias dos Cresos, todos os conhecimentos dos sabios, todos os primôres das bellas artes, todas as maravilhas da industria, todas as preciosidades da terra, por que essas, apreciabilissimas embora, concernem mais aos sentidos, respeitam mais de perto á materia, não podem fruir-se mais que os breves momentos da vida presente, ao passo que os gôzos do coração e do espirito, os gôzos purissimos e quasi angelicos que saturam os recessos mais intimos da alma, os gôzos como os fruidos n'aquelle dia abençoado, hão de perdurar, como generosa e longanima manifestação da misericordia divina, por seculos e seculos e seculos!

No parochio que promoveu a missão (1), nos missionarios que a pregaram (2), no povo que a escudou, era tudo contentamento raramente visto.

Dê-nos o mundo uma amostra, um simulacro d'este maravilhoso espectaculo, e talvez obtenham desculpa os seus numerosos e perseverantes sequazes.

Mas não, não dá; é-lhe impossivel dar.

Consoações assim, que originam a unção mystica, tornando a alma expedita para o amor e o louvor de Deus; que apuram o gosto da sabedoria, desenvolvendo affectos á verdade; que engendram o fervor da devoção, dando a cada um deligencia prestes nas empresas do céo; que trazem de companhia a paz interior, libertando as acções do influxo do appetite e da phantasia para las nortear pelo rumo firme da razão e da fé... consoações assim, tão sem mescla de travo, rescendentes a tão fina suavidade, só podem derivar directamente da mão benefica, do coração amantissimo d'um Deus, e o mundo, no seu revoltar infrene sobre os abysmos da morte como o lazaroni napolitano sobre a crusta fragil d'um volcão, ou se esquece estupidamente de Deus, ou se ri d'elle alvarmente, como o hóbo da idade media motejava o senhor a cuja mesa tomava assento. Ah! o mundo é, será talvez sempre o voraz Esau vendendo primogenitura e benção pela gulodice das lentilhas, ou o espirito das trevas casquinando através dos tempos o impio e horripilante *non serviam!*

O mundo nada pois tem que mereça entrar em competencia com as alegrias sanctas da missão, alegrias cuja exten-

(1) O Rev. abbade Antonio Fernandes Martins Simões.

(2) Os Reverendos Padres José Rodrigues dos Reis, Bento José da Cruz Barros, José Joaquim Martins e João Manuel Gonçalves, coadjuvados por outros mui dignos e fervorosos sacerdotes.

são e intensidade só á divina omnisciencia é dado medir.

Quem n'uma d'aquellas noites de paz transpозesse de manso e manso o li-miar intimo das familias, que scenas arrebatadoras não tivera ensejo de contemplar? Aqui, um mancebo, na pujança da vida, mais heroe que Alexandre ou Cezar, pois a si mesmo se vencera, procurando a morada de seu inimigo de morte, cair-lhe aos pés desfeito em lagrimas, abraçar-lh'os na effusão de arrependimento profundo, e clamar: *Perdoame! Damniifiquei-te com meus odios, mas eis-me servo teu, para te indemnisar com meus serviços. Ah! perdoame!* Alli, uma joven, cujos tresvarios eram a deshonra e o acabrunhamento do velho pae, a vergonha e o luto dos irmãos pondunorosos, o pasto quotidiano das linguas viperinas da visinhança, a dôr continua do zeloso parochio, abertos agora os olhos para a si mesma se ver, e horrorizada das impurezas caídas na formosura de sua alma, de labios postos nos pés do crucifixo, regando-os de pranto ininterrupto como a Magdalena, e dando occasião ao festim que os Anjos no céo celebrariam por certo ao haverem encontrado uma irmã. Mais além, um chefe de familia, de aspecto attrahente e grave, tomando, após a refeição frugal, o terço entre as mãos, cingido d'umas sympathicas creanças, rubicundas e risoulhas como a aurora, ao lado a esposa, consocia nas venturas e nas maguãs, em torno, em grupo, os domesticos — operarios do amanho rustico, deante do quadro de Maria Immaculada, suspenso na parede, allumiado pela candeia semi-secular, e elle, o ancião, rei d'uma nação em miniatura, mestre d'uma escola em que se ensina a amar, sacerdote d'aquelle templosinho modesto, entoando, com voz pausada e attenta, as saudações e as supplicas do Padre-Nosso e Ave-Maria, ás quaes, fazendo côro, respondiam as demais vozes animadas pela fé que se lhes ateara ha pouco dos labios do missionario, purificados como os de Isaias pelo fogo do divino Espirito.

Ah! Pôde seguramente afirmar-se que a missão supplantou Satanaz e enthronizou Jesus Christo. Assim como a uma noite de tempestades succede uma aurora de serenidade e de luz, assim ao vicio succedeu a virtude; ao crime a penitencia; aos interesses sem termo, a abnegação; ás diversões profanas, os encantadores actos do culto; ao luxo, a modestia; á dissipação, o recolhimento; aos descantes licenciosos, as estrophes sagradas; á desordem, ao roubo, ao malquerer, a paz, as restituções, e a reconciliação.

Ah! se todos os parochos promovessem em prol de seus rebanhos beneficios como estes, muito melhor garantia

houvera em seu cajado de pastor a ordem social, e poder-se-iam em grande parte elidir os leçados policiaes e as varas dos juizes! Mas, infelizmente, ainda para alguns é dura esta verdade, no que não pouco se tornam conniventes com os fautores da impiedade e da anarchia, concorrendo, involuntariamente por certo, mas d'um modo grave e fatal, para a ruina d'aquelles cuja guarda lhes está confiada. Passaram em fim rapidamente, fugazes quasi como os annos, entre cantores do Paraizo, de que nos falla Bernardes, os formosos dias da missão, formosos, porque a mesma natureza, submissa aos mandados de Deus, se amenisou n'aquella epocha n'umas branduras consoladoras, e após elles lá foram, de novamente, mundo além, os piedosos e infatigaveis missionarios a doutrinar outra parcella dos descendentes de Eva.

Ide, pois, estrenuos e generosos lidadores, ide. Ide, mensageiros de Israel, semeadores da boa-nova, indefesos pregoeiros do bem, pacificadores das consciencias, dominadores dos corações, ide! Ide metter braço a nova saíra, sujeitar o collo a novo fardo, pôr o peito a repelida empreza! Continuai perpassando de povo em povo, de villa em villa, de cidade em cidade, na imitação do divino Mestre, em cuja escola encanecestes, dando ver a cegos, ouvir a surdos, agilidade a coixos, vida a mortos, ide! mas sabeí que, volvidos annos, quando já, como espero e rogo, alvorecido o sabbado da vida, tiverdes ua mão a fêria cubiqada do galardão celeste, sabeí, digo, que vossa abençoada memoria não terá perecido n'este povo, que ha de ella, aqui, implantada no coração d'estes filhos, ir futuro dentro, levada de geração em geração; e cada lagrima de arrependimento, derramada aos pés do Christo, no expungir de arraigado vicio, seja no dia ultimo mais uma perola preciosa que vosso Anjo da guarda vá jubilosamente engastar na vossa corôa de confessores e de Apostolos.

Fevereiro—25 de 88.

M. F.

Breve importante acerca dos capellães militares (1)

IGNENTE MACCHI, Cubiculario secreto de Nosso Sanctissimo Padre o Papa Pio Septimo, Delegado Apos-

(1) Encontramos o original d'esto Breve quando procediamos á organisação do Archivado da Secretaria Patriarchal. O nosso amigo e antigo condiscipulo Padre Adolpho Maximo Gomes de Faria de bom grado nos auxiliou traduzindo-o, pelo que lhe manifestamos o nosso reconhecimento.

Monsenhor, Alfredo Elviro dos Santos.

tolico, n'estes Reinos de Portugal e Algarves, etc. etc. etc.

Havendo o Summo Pontifice o Papa Pio Sexto, de Sancta Memoria, a instancias do Preclarissimo e Serenissimo Principe do Brasil Regente dos Reinos de Portugal e dos Algarves, benignamente concedido e permitido que os Capellães do exercito, para mais facilmente poderem prestar os soccorros espirituaes á tropa e a quantos a acompanham, que d'ahi em diante ficassem unicamente sujeitos ao Patriarcha de Lisboa que ao tempo fosse, e que, tendo sido primeiramente examinados e approvados pelo mesmo Patriarcha de Lisboa e obtido d'Elle a confirmação de sua nomeação, podessem em toda a parte, livre e licitamente exercer o seu munus sem dependencia dos Ordinarios dos lugares, como consta das Letras Apostolicas, em forma de Breve, expedidas no dia 29 d'abril de 1794, do seguinte teor: Pio Sexto Papa. Para futura memoria. Os muitos e notaveis serviços prestados a Nós e a esta Sancta Sé pela Fidelissima Rainha de Portugal e dos Algarves, Maria Francisca, Nossa Filha Carissima em Christo, Nos movem a annuirmos benignamente, quanto podemos no Senhor, ás supplicas que em Seu nome nos foram humildemente dirigidas, mormente tendo ellas só por objecto o bem das almas christãs. Pois o Nosso muito amado Filho em Christo João Maria Jose, Principe do Brasil Regente dos Reinos de Portugal e dos Algarves, ha pouco nos fez representar que os Capellães do exercito da mencionada Rainha Fidelissima Maria Francisca Sua Mãe, são muitissimo estorvados no exercicio de sua jurisdicção espiritual para com os militares, principalmente quando se trocam as guarnições, por que são obrigados pelos Bispos ou Ordinarios dos lugares do Continente onde os Corpos vão fazer guarnição, a pedir primeiro a oportuna approvação dos mesmos Ordinarios; e que por isso muitissimo dezeja que Nós concedamos aos mesmos Capellães que sendo elles examinados e approvados pelo Patriarcha de Lisboa, que ao tempo fôr e que assim ficasse tambem Capellão-mór dos exercitos possam elles exercer a sua jurisdicção para com os militares e para com todos os subditos do mesmo Capellão-mór, em todas as terras do continente sujeitas á dita Rainha Fidelissima e aos Fidelissimos Reis seus successores, sem dependencia dos Ordinarios dos lugares, para os mesmos Capellães poderem mais facilmente prestar os soccorros espirituaes aos militares e aquelles que acompanham as forças. E por isso Nos mandou humildemente pedir que com Benignidade Apos-

tolica Nos dignassemos providenciar opportunamente sobre o exposto, e conceder o que se segue: Nós pois dezejando ser agradável e generoso para com o mesmo Principe João Maria Jose, e absolvendo-o e considerando-o absolvido, tamsomente para que estas letras possam sortir seu effeito, de qualquer excommunição, suspensão ou interdicto, ou de qualquer outra sentença, censura ou pena ecclesiastica imposta a jure vel ab homine por qualquer occurrencia ou causa, se acaso estiver n'ellas incurso, e dezejando annuir aos seus pios intentos, movidos pelas sobreditas supplicas; Concedemos e permittimos com Auctoridade Apostolica, pelo teor das presentes, a todos os Capellães dos Regimentos do Continente dos dictos Reinos dos Reis Fidelissimos, que ao tempo forem, que elles d'aqui em diante sejam unicamente sujeitos ao Patriarcha de Lisboa, que então fôr, o qual tambem seria simultaneamente Capellão-mór dos exercitos, de modo que possam livre e licitamente exercitar o seu munus em toda a parte, sem dependencia dos Ordinarios dos lugares, comtanto que primeiramente hajam sido examinados e approvados pelo mesmo Patriarcha de Lisboa e Capellão-mór; ou tenham sido approvados pelo Bispo do lugar onde acontecer morrer algum Capellão e ser nomeado um novo, o qual contudo será obrigado a pedir ao mesmo Patriarcha de Lisboa e Capellão-mór a confirmação de sua nomeação. E mandamos que estas presentes Letras sejam sempre firmes, validas e efficases, sortindo seus integros e plenarios effeitos, e em tudo e por tudo completamente cumpridas; e que assim seja julgado e definido sobre este assumpto por todos os juizes ordinarios e delegados e ainda pelos Auditores das causas do Palacio Apostolico e Nuncios da Sancta Sé, aos quaes todos e a cada um d'elles, fica retirada toda a facultade e auctoridade de julgar e interpretar diversamente; e que, se succeder que alguém de qualquer auctoridade, sciente ou ignorantemente intente o contrario d'isto, seja irritado e nullo. Sem embargo das Constituições ou Ordenações Apostolicas, decretos geraes ou especiaes de Concilios universaes, provinciaes ou synodales, ou de qualquer outra disposição em contrario.—Dado em Roma, em S. Pedro, sob o Anel do Pescador, no dia 29 de abril de 1794, Vigésimo do Nosso Pontificado. R. Cardeal Braschio de Honestis.—E como os illustrissimos e excellentissimos Governadores d'estes Reinos, summamente dezejosos de facilitar os auxilios espirituaes ás tropas, nos hajam significado que lhes seria sobremodo agradável se o sobredito Breve do Papa Pio 6.º sortisse seu ple-

no effeito principalmente n'este tempo de guerra, em que mais é necessario, e se Nós por isso o ampliássemos como abaixo fazemos, e Nos dignássemos providenciar opportunamente sobre este assumpto com a Auctoridade Apostolica que Nos foi delegada; Nós annuindo a tam pios desejos, e querendo acudir ás necessidades espirituas dos exercitos, tendo em vista o referido Breve pontificio, Concedemos e permittimos, por Auctoridade Apostolica a Nós delegado, a todos os Capellães de qualquer Regimento dos exercitos que militam sob as bandeiras do mui alto e Serenissimo Senhor Principe Regente d'estes Reinos, que unicamente estejam sujeitos ao Ex.^{mo} Bispo Patriarcha Eleito e Vigario Capitular de Lisboa pelo qual devem ser examinados e approvados; e que tendo previamente oblido a necessaria approvação do mesmo Patriarcha Eleito e Vigario Capitular possam livre e licitamente exercer o seu munus e jurisdicção espiritual para com os militares e para com todos que acompanham as tropas, em qualquer Diocese ou Territorio exemplo dos Reinos de Portugal e Algarves, sem dependencia dos Bispos ou Ordinarios dos lugares, ou prelados inferiores no gozo de auctoridade ordinaria, do mesmo modo e forma como foi disposto nas sobredictas Lettras Apostolicas em forma de Breve. Sem embargo de quaesquer disposições em contrario. Dado em Lisboa, no Palacio de Nossa Residencia, aos 30 dias do mez de janeiro do anno do Senhor de 1811, e do Pontificado de Nosso Santissimo Padre, por Divina Providencia, Papa Pio 7.º, anno decimo. (Assiguado) Vicente Macchi, Delegado Apostolico—(Lugar do sello branco das Armas de Sua Excellencia)—Jose Manoel Gonsalves Anjo—Secretario—(Lugar do sello da causa publica)—Pagou mil e seis centos reis de sello—Lisboa 4 de fevereiro de 1811—Oliveira—Numero 52—com uma rubrica—Registrado no Livro segundo extraordinario, folhas 38—Joaquim Jose Cesar Monetti, Registrador Apostolico.

BENEPLACITO REGIO

O Principe Regente Nosso Senhor Ha por bem acordar o seu Real Beneplacito ao Breve junto passado a instancia dos Governadores d'estes Reinos para que os capellães do exercito Portuguez possam exercer a sua jurisdicção em qualquer diocese e territorio d'estes reinos de Portugal e Algarve; e não tem duvida em que se execute. Palacio do Governo em 8 de fevereiro de 1811. João Antonio Salter de Mendonça.

SECÇÃO HISTORICA

O VERDADEIRO AUCTOR

DA

IMITAÇÃO DE CHRISTO.

COM esta epigrapha insere o *Progresso Catholico* n.º 2, correspondente a 15 de novembro, um curioso e interessante artigo sobre a renhida questão, ainda não terminada, do verdadeiro auctor do admiravel livro intitulado—*A Imitação de Christo*.

Como é sabido, esse livro tem sido attribuido por uns (e é a opinião mais seguida) à penna de Thomaz de Kempis, conego regular de Santo Agostinho; por outros a João Gersen, chanceller da Universidade de Paris; e ainda por alguns a um certo João Gersen, abade do mosteiro de Santo Estevão, em Verceil, da Ordem benedictina.

Ha alguns poucos auctores que pretendem ser composto esse livro inspirado por S. Bernardo; mas esta opinião é geralmente abandonada, porque não resiste a uma séria e judiciosa investigação critica.

As outras tres opiniões são as que mais fortemente estão em litigio; cada um dos seus sequazes, que são em grande numero e de grande reputação, se apresenta munido de fortes argumentos para corroborarem a sentença que adoptou. Comtudo nenhum d'elles até hoje pôde gloriar-se de ter cantado victoria: *adhuc sub judice lis est*.

Não o entende, porém, assim o auctor do artigo do *Progresso* a que alludimos: julga elle a questão definitivamente resolvida por G. de Gregory, que attribue o mencionado livro à penna de João Gersen, abade benedictino do mosteiro de Verceil.

Eis o que elle diz, depois de referir as diversas opiniões:

«Porém, o cavalheiro G. de Gregory parece ter conseguido resolver definitivamente a questão do verdadeiro auctor da *Imitação de Jesus Christo*, em um curioso e interessante trabalho publicado, ha poucos annos.»

Em seguida transcreve em resumo o trabalho de Gregory; e finalmente conclue:

«Taes são, em resumo, as rasões principaes, que provam, com evidencia, que João Gersen, abade benedictino do mosteiro de S. Estevão de Verceil, é o *Verdadeiro Auctor da Imitação de Jesus Christo*.»

Como se vê, o articulista do *Progresso* julga terminada a questão, fundado nas rasões dadas por Gregory no seu trabalho, diz elle, *publicado ha poucos annos*.

D'aqui pôde suppôr-se que Gregory é o ultimo que tratou esta questão, e com vantagem a todos os outros auctores.

Ora, antes de tudo, convem saber que Gregory falleceu a 12 de setembro de 1846, e que Gence, seu contemporaneo, o refutou d'um modo triumphante, segundo o parecer de pessoas competentes.

Logo a obra de Gence é posterior à de Gregory, publicada ha muitos annos, e que não resolveu definitivamente a questão. E tambem a não terminou o referido Gence.

Este attribue a *Imitação de Christo* a João Gersen, chanceller da Universidade de Paris; e Gregory, como já dissemos, faz seu auctor um certo João Gersen, abade do mosteiro de Santo Estevão, em Verceil.

Que é producção do veneravel Thomaz de Kempis, é a opinião geral, lendo-se o seu nome em mil edições diversas.

Notaremos tambem que pela maior parte os escriptores italianos, de certa epocha, dizem que a *Imitação* saiu da penna de João Gersen, italiano; os francezes inclinam-se para João Gersen, francez; e finalmente os belgas querem que seja Thomaz de Kempis, belga. De maneira que uma questão meramente litteraria tornou-se um negocio de amor proprio nacional.

Não deve, porém, suppor-se que no sentimento de todos esses escriptores influísse o amor da sua ordem ou da sua patria.

João Gersen, que se diz ter sido abade do mosteiro de Verceil, julga-se ter sido um ente imaginario, que nunca existiu. Os sabios hollandistas, Eusebio Amort e o abade Desbillons refutaram todos os argumentos dos que pretendem ser a *Imitação* obra do tal Gersen.

O nome de Gersen, que se lê em alguns manuscriptos, não está bem claro, nem explicito; porque em uns está só *Gers.*, e em outros se lê *Gersen, chanceller de Paris*; e por isso se vê que foi erro do copista. E d'aqui nada se pôde concluir com certeza em favor do tal abade de Verceil.

Em todo o caso é certo que a questão não está definitivamente resolvida, e muito menos por Gregory, como pretende o articulista do *Progresso Catholico*.

Ha, porém, quem julgue que a resolveu a favor de Thomaz de Kempis, em 1852, o sabio Bispo de Bruges. N'um livro que então publicou com o titulo—*Investigações historicas e criticas sobre o auctor da Imitação de Christo*, parece que veio tirar todas as duvidas sobre este ponto.

Entre uma multidão de provas irrefutaveis o illustre Prelado reproduz di-



versos manuscriptos coevos com o nome de Thomaz de Kempis, sendo um apenas dez annos posterior áquelle em que foi composta a *Imitação*, e que tem a data de 1424, e portanto o mais antigo que se conhece.

Descobriu-se tambem um outro manuscrito, da mesma data e com o nome de Thomaz de Kempis, o piedoso solitario do seculo XV, o mestre Thomaz, do monte de Santa Ignez, conego regular de Utrecht, chainado de Kempis, por ter nascido em Kempen, na archidiocese de Colonia.

A obra do Bispo de Bruges é, como se vê, a mais recente de todas, e, com certeza, muito posterior á de Gregory, e por consequencia este não resolveu definitivamente a questão do verdadeiro auctor da *Imitação de Christo*.

Não diremos, e mesmo porque não nos achamos habilitados para isso, se o Bispo de Bruges conseguiu o que pretendia: assignar o verdadeiro auctor d'aquelle livro que La Fontaine reputava o mais bello que tem saído das mãos dos homens.

E' certo que Gregory não terminou a questão; e, enquanto se não apresentarem rasões convincentes e insolúveis a favor de Gersen ou Gerson, estaremos por Thomaz de Kempis.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

José Carlos de Faria e Castro

II

EM 1868, S. Magestade confere ao sr. Faria e Castro o fôro de fidalgo da casa real. Então a imprensa madeirense apreciava esta graça do modo seguinte: A *Razão* (folha semanal) dizia, sob o titulo *Graca*: Lê-se no *Paiz* (outra folha semanal da Ilha):—«Informam-nos de que fôra conferido ao sr. José Carlos de Faria e Castro, Junior, o fôro de fidalgo da casa real, em attenção aos relevantes serviços prestados ao estado por seus avós paternos, os snrs. capitães-môres José Dionizio de Faria e Castro, e José Carlos de Faria e Castro, quando exerceram importantes cargos em épocas difíceis para a governação publica, como na occupação do paiz pelo estrangeiro. . .

O sr. Faria e Castro é dignissimo da distincção, que acaba de receber, pelas suas excellentes qualidades pessoais, a que dá realce a esmerada educação que possui. O sr. Faria e Castro tem muito regulares habilitações litterarias, adquiridas no lyceu d'esta cidade, e achando-se incorporado a uma illustre familia russa, que por vezes

aqui tem estado, parte com ella, quando d'aqui sair para a Russia.

Desejamos ao nosso amigo todas as prosperidades de que é digno.

Como o nosso collega bemdizemos a graça que foi conferida ao sr. Faria e Castro, porque, como elle, apreciamos os dotes moraes e intellectuaes do agraciado.» (Veja-se o n.º 42 da *Razão*, de 27 de junho de 1868).

Uma 3.ª folha da Ilha—*a Voz do Povo*—dizia igualmente o seguinte: «*Mercê*:—Em attenção aos bons serviços que prestaram ao paiz os capitães-môres J. D. de Faria e Castro, e José Carlos de Faria e Castro, avós do sr. José C. de Faria e Castro Junior foi concedido a este nosso patricio por S. Magestade, o Fôro de fidalgo e escudeiro da caza real.

O sr. José Carlos de Faria e Castro Junior é um excellente moço, de boa educação, e possui quasi completos os dois cursos que se lêem no lyceu nacional e seminario episcopal do Funchal.

As suas qualidades pessoais, os nobres e elevados dotes do seu espirito são notorios de todas as pessoas que têm a ventura de o tractar e conhecer de perto, e por isso tem sido geralmente bem recebida a noticia da graça que acaba de conceder-lhe Sua Magestade. Bom é sempre, ainda mesmo nos paizes mais democraticos, criar um estimulo a virtudes civicas, distinguindo os cavalheiros que sabem honrar e não deslustram as virtudes herdadas de seus maiores.» (Veja o n.º 339 de 26 de junho de 1868).

Envolvido na politica local (a da Madeira foi bem rudissima de 1868 a 1870), o sr. Faria e Castro seguia a politica santanista: elle deixou de todo o partido popular quando vio este, capitaneado pelo governador civil d'então, expulsar á pedrada das praias do Funchal o sr. Santa Anna e Vasconcellos (hoje visconde das Nogueiras), o deputado mais popular que até então tinha tido a Madeira, e ao mesmo tempo que mais serviços tinha prestado aos madeirenses! (1).

Não fôra possivel aos progressistas apresentar então pela Madeira a candidatura do sr. Santa Anna. Todos o lamentaram!

Então, foi proposto pelo circulo da Ponta do Sol, n'uma eleição supplementar, o fallecido Dr. Camello Lampreia,

(1) D. João da Camara Leme, então governador civil, passava por amigo do sr. Santa Anna; elle não deu pedradas: elle levou-as tambem quando já muito tarde quiz defender a ordem publica; mas o governador era o chefe encartado dos tumultuosos d'essa época!

que triumphou contra a candidatura do centro popular. O governo havia-se declarado neutral n'esta eleição: o sr. Faria e Castro seguia comtudo esse ministerio que se dava por titulo reformista: era o presidido pelo bispo de Viseu, cuja divisa era, na sua expressão mais simples—«a reorganisação da fazenda pela applicação mais larga das economias.» Esta situação politica fannou-se logo!

* * *

Era em 1869, a situação politica era a progressista historica: é d'esta data que dista o partido progressista da Ilha—isto é, a reorganisação d'elle n'esse anno pelo sr. conselheiro Antonio Correia Heredia. O sr. Faria e Castro tinha entrado de vez para elle. E nas vesperras das eleições geraes de deputados em 1870, a *Imprensa Livre*, orgão do partido progressista na Madeira, escrevia: «Consta-nos que o sr. José Carlos de Faria e Castro vai substituir o sr. João Maria de Faria Bettencourt (que se acha gravemente doente) na administração do concelho da Ponta do Sol. Folgamos de que se realize esta nomeação, porque o sr. Faria e Castro é um manco cujo caracter não tem mancha alguma, que é conhecedor da localidade, e, pelos conhecimentos que tem adquirido, se acha no caso de desempenhar satisfactoriamente aquella commissão.» (Veja o n.º 58 de 23 de Maio de 1870).

O sr. Faria e Castro declinou esta proposta; mas não desamparou os seus amigos politicos no acto eleitoral. Porém, n'esse anno o governo perdeu as eleições pela Madeira: fora n'estas eleições que se deram os tristes acontecimentos de Machico! . . .

Pelo circulo da Ponta do Sol, era então governamental-progressista, um dos candidatos mais odiados que tem havido ali—o sr. dr. Manuel José Vieira (1)! O sr. Faria e Castro luctava ali, no seu concelho, por este candidato; candidato que foi vergonhosamente derrotado! E corrido até pelo povo em tumulto da assembleia dos Canhas, povoação onde o sr. Manuel José Vieira contava assistir ao acto eleitoral!

* * *

Dias depois d'esta nefasta quadra de triste recordação, deixou a Madeira o sr. Faria e Castro; e seguindo para a Russiaahi casou em 1872. Depois, viajou muito pela Europa; habitou Paris dois annos, e aqui cursou por esta occa-

(1) Era odiado pelos povos pela simples razão de ter s. ex.ª como presidente da camara do Funchal, decretado a demolição da bella egreja e convento de S. Francisco da cidade! O povo chamava-lhe o *demolidor de egrejas*! . . .

sião a *Escola livre das sciencias politicas de Pariz*, que vinha de fundar-se.

Foi então em Pariz que travou relações de amizade com o distincto escriptor Ferdinand Denis, bem conhecido em Portugal e Brazil pelos seus notáveis trabalhos litterarios sobre os dois paizes. Com elle ficou o snr. Faria e Castro correspondendo-se affectuosamente.

Voltou de visita à Madeira, com sua esposa, em 1874, e foi durante a sua passagem por Lisboa, que fez conhecimento então, com o laborioso e erudito escriptor dr. Theophilo Braga, e com outros cavalheiros de fino trato como os snrs. Joaquim de Vasconcellos, Cunha Belem, visconde de Jeromanha, conselheiro J. Silvestre Ribeiro, bem como teve o prazer de abraçar os seus amigos ali encontrados os ex.^{mos} snrs. Jaime Moniz, Luciano Cordeiro, Henrique de Santa Anna, dr. Lampreia, e o conego Alfredo Cezar de Oliveifa (o seu melhor amigo).

Voltou logo para a Russia, n'esse mesmo anno; ali, vivo, se sepultou na sua magnifica bibliotheca do seu chateau de Raudany! E para matar as saudades da patria o snr. Faria e Castro tratou de cultivar, ou antes, de não esquecer a sua lingua, entregando-se de todo ao estudo.

Em 1877 o *Commercio Portuguez*, do Porto, escrevia sob o titulo *A Russia por um Portuguez*: «Vamos em seguida encetar a publicidade de um escripto duplamente interessante pela oportunidade do assumpto e pela circumstancia de ser escripto por um intelligente moço portuguez que reside na Russia, achando-se enlaçado ali a uma illustre familia da aristocracia moscovita.

O nosso velho amigo, snr. José Carlos de Faria e Castro, é natural da ilha da Madeira, onde fez os seus primeiros estudos, e n'uma das suas recentes viagens esteve ha annos em Lisboa com sua esposa, interessantissima senhora eminentemente prendada com os melhores dotes de coração e de espirito, da illustre familia Waxel.

O snr. Platão Waxel, a quem o escripto é dedicado, é um moço muito illustrado e estudioso, que occupa já logar distincto na diplomacia e na litteratura russa e que tendo estado em Portugal fez aqui notáveis estudos acerca da historia da musica portugueza e publicou na nossa lingua um curioso livro sobre a litteratura do seu paiz. Com elle conservam affectuosa correspondencia alguns dos nossos escriptores.

Pareceu-nos dever dar esta breve noticia, antes de procedermos, como gostosamente o vamos fazer, ao bello estudo com que nos honrou o nosso distincto compatriota e amigo ha poucas



MORTE DE S. JOSÉ

semanas.» (Veja-se o n.º 187 — de 15 de Agosto de 1877).

* * *

Em 1879, publicava o snr. Faria e Castro em Lisboa, um folheto de 35 paginas intitulado «O Estado e o seu ambito». D'ahi para cá modificaram-se muito e muito as suas ideias *progressistas*... ali expendidas... no seu «Estado e o seu ambito»!

De 1881 até 1884 foi collaborador do «Progresso» de Lisboa, e ahi escreveu muita politica, tractando principalmente sob o titulo de *Questões constitucionaes*, da reforma da Carta, etc. etc...

Em 1883, de visita a seus paes, á Ilha da Madeira, era o snr. Faria e Castro noticiado em Lisboa pelo jornal «O Progresso» do modo seguinte: «Está em Lisboa, hospedado no hotel Central, o nosso amigo e muito illustrado collaborador, o snr. José Carlos de Faria e Castro, que ha annos reside na Russia.

O snr. Faria e Castro vem de visita á sua familia, que é da Madeira, e tenciona demorar-se dois mezes em Portugal, regressando depois á sua casa na Russia.» (N.º 1:812:—13 de fevereiro de 1883).

E de volta da Madeira, por sua vez dizia *O Correio da Noite*, no n.º 747 de 14 de maio de 1883: «Chegou a bordo do vapor dos Açores o nosso estimavel amigo e distincto correspondente na Russia, o snr. José Carlos de Faria e Castro.

S. ex.ª demora-se alguns dias em Lisboa, voltando brevemente para a Russia, onde sua familia o espera.»

Foi por esta occasião que teve então prazer de fazer conhecimento com o illustre deputado da opposição (*d'então!*) sua ex.ª, o snr. Dr. E. Navarro; e igualmente com o digno par do reino sua ex.ª, o snr. Henrique de Macedo: a este cavalheiro foi o snr. Faria e Castro apresentado pelo seu amigo e parente, o snr. conselheiro Jaime Moniz.

Abraçou ainda o seu presado e antigo amigo patricio o snr. visconde da Ribeira Brava, bem como o seu distincto e velho amigo condiscipulo Luciano Cordeiro; e fez agradavelmente uma visita ao grande escriptor portuguez, igualmente seu estimavel amigo, o snr. Dr. Theophilo Braga, que o obsequiou d'essa vez com uma das suas obras mais primorosas, aquelle livro conhecido de todos os Portuguezes, intitulado: *Theoria da Historia da Litteratura Portugueza*.» Sobre a 1.ª pagina do volume offertado, o nosso illustre Auctor escreveu em presença de muitas pessoas, assim nacionaes como estrangeiras, que se achavam em sua casa n'esse momento, as seguintes palavras:

«Ao seu excellentissimo amigo José Carlos de Faria e Castro, como homenagem ao seu elevado sentimento patriotico offerece

12—5—83.

Theophilo Braga.»

* * *

Na Madeira em 1883, o snr. Faria e Castro teve a honra e a ventura de visitar Sua Ex.ª R.ª o snr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal. D'esse anno, dá-se continuamente, entre os dois, uma activa, salutar, e affectuosa correspondencia. Louvor a Deus por este encontro tão a proposito!

Na sessão de 29 de dezembro de 1876, foi o snr. Faria e Castro eleito Socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa; e em 1880, agraciado por S. Magestade com o habito de Cavalleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo.

Em 1885 e 86 escreveu continuamente para a Sessão das *Sciencias, Artes e Lettras*, do jornal as *Novidades* (1); e depois, passou-se com armas e bagagens para... o nosso estimavel «Progresso Catholico»... E ahi está!...

—Consta-nos que o nosso amigo e patricio tenciona vir este anno á patria.

Madeira, 2—2—88.

UM FUNCHALENSE

assignante do «Progresso Catholico».



Jubileu!

† OMO é que em tempos de abatimento moral tão grande se apresenta um FACTO de uma valia e valentia moral por forma grandiosa que se pôde dizer IMENSO? e este FACTO é o *Jubileu Sacerdotal* de Sua Santidade Leão XIII, considerado em todo o seu COMPLEXO!

Se todos os Soberanos do Mundo se quizessem accordar na realisacão de um acontecimento mundano que umbriasse com «O» que se está passando relativamente a Leão XIII, não o poderiam conseguir embora todos os recursos de que dispõem. Abatida moralmente a *Sociedade*, elevada moralmente, sã e robusta, está a Igreja de Deos, e é para que esta differença penetre em *todos-todos* que a Divina Providencia e Providencia permittiu agora o mencionado *Jubileu*, Magno Facto como ma-

(1) Jornal de Lisboa: dirigido então na parte politica pelo actual snr. ministro das obras publicas; e na parte litteraria pelo snr. Alberto Braga.

guas as circunstancias relativas dadas já e as que ainda se hão-de realizar!

Certo é que a Força Moral é a primeira Força; e que a força material é para ser a *servidora* da primeira, e como *servidora* deve obdecer e não tem direito para mandar, embora não o queira assim entender a *Sociedade homodierna*, e que por isto mesmo corra para o ABYSMO! A *força material*, (agora tornada *materialista*) nunca imperou como n'estes tempos, especialmente na Europa: se n'outras éras foi tambem *material* teve o *merito* da franqueza, e assim não foi tão pernicioso como seria se fosse dirigida capsiosamente; é sempre menos perigoso o inimigo que ataca a descoberto; e devemos ainda notar, que aquellas alludidas *materialidades* nunca fôram revestidas de *materialismo* ou *indifferentismo*, e antes respeitando o *Principio Religioso* se bem que nem sempre bem *comprehendido*. Nos dias que correm a *força material* no que mais se empenha é em tornar os homens *atheistas* ou pelo menos *indifferentistas* em materia de Religião, e n'isto emprega Exercitos, marinhas, dinheiro, imprensa, universidades, escolas, theatros, bailes, touradas, passeios, denominações de praças e ruas, vistorios, enfim tudo que possa concorrer para deschristanisar os homens, e tornar inutil a Obra Divina da Redempção; esforço diabolico, que não pôde destruir «O» que foi realisado pelo Homem-Deos, porem tem podido perder muitos de aquelles que O Todo-Poderoso creou para o bem-estar possivel n'esta vida e para a felecidade completa na Eternidade! Contra tanta corrupção alevanta-se, embate e pugna triumphantemente, o *Jubileu Sacerdotal* de Leão XIII com o cortêjo de fé, esperanza e caridade, feito pelas cinco partes do Mundo, embora n'elle tomem parte os de outras *crêncas*, que por isto mesmo *confessam por obras* que só Um Homem pôde na Terra unir *todos* os homens, e é Tal Homem O Papa, *Entidade* sempre a *Mesma* ainda que seja differente a *Personalidade*, e assim desde S. Pedro até Leão XIII como será desde Leão XIII até ao ultimo Vigario de Christo na Terra. O *Jubileu*, a que nos vamos referindo, é um ESPECTACULO dado aos Anjos e aos homens por effeito da Providencia e Misericordia Divina para Triumpho da Santa Igreja Catholica, para que a *Sociedade* se arrependa, para que a Força Moral seja reconhecida como vencedora da *força-material* e *materialisada*! E' de uma importancia tal o mesmo *Jubileu*, que faz lembrar o *Nunc dimittis*...! do Velho Symeão. Permitta Deos! que a *rebeldia* se renda.

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO ILLUSTRADA

XXII

Morte de S. José

QUADRO esplendidamente bello é o que offerecemos hoje aos nossos leitores. Representa elle a morte do santo, do justo, do casto, do innocente esposo da Rainha das Virgens. E de vera morrer assim, quem na vida soffreu todas as miserias, quem resignado passou por todas as privações, quem, com os olhos no ceo, levára a pesada cruz da vida, mas da vida passada em meio das mais tenases contrariedades.

S. José, que não se queixou da sua pobreza, que, paciente escudára o Deus Menino e sua Santissima Mãe, que por noite frigidissima procurára um abrigo para ambos sem o encontrar, tendo de dar á Virgem Mãe por abrigo o tecto arruinado d'um presepe, e ao Rei dos reis, por palacio, um estabulo que abrigava alguns animaes; que por muito tempo mendigára o pão e todo o necessario para a sustentação dos carissimos entes que o Senhor lhe dava para guardar, e que tudo isto fazia por mandado de Deus, e por tanto satisfeito por cumprir os mandados d'Aquelle, que assim purificava sua alma, para a levar ao Céu, e collocal-a no mais alto dos thronos de sua gloria.

Pobre vivera S. José, e mais que pobre, despresado, escarnecido, doestado, porque era justo, porque era o typo por onde se haviam moldar os bons catholicos de hoje, tambem escarnecidos, doestados tambem pelos inimigos da virtude; mas teve a morte dos santos; recebera-lhe o ultimo suspiro o filho de Deus, Jesus, o Salvador do genero humano, e tivera junto do leito, ao morrer a castissima Virgem que atravez dos seculos havia ser a Mãe dos homens; e a servir-lhe do docel, em hora tão solemne, tinha o santo Patriarcha as candidas azas d'um anjo, d'um enviado do Senhor, e no Céu côros de celestes espiritos, festejando a entrada nos parâmetros sublimes de luz, da mais candida alma que um humano corpo habitará na terra.

Quadro sublime, repetimos, e que quizeramos se reproduzisse na casa de todos os nossos leitores quando deixarem a terra. Para isso, sejamos fervidos devotos de S. José, roguemos-lhe que medianeiro seja nosso perante o throno de seu amantissimo filho, Jesus, e que, alcançando-nos a dita de uma vida como a sua na terra fóra, nos dê tambem uma morte á sua igual, para que, tendo nós a felicidade, de edificar com nossas virtudes na terra, todos os nos-

soz amigos e inimigos, possamos ter a maior felicidade ainda, de no Céu, pedir por uns e outros, e gozar as alegrias dos justos, viver eternamente aspirando o aroma das flôres da virtude que na terra houvermos regado, resignados, com o orvalho da oração.

Amparae-nos, glorioso S. José, na vida e na morte.

Desejando tornar geral quanto possível a devoção a S. José, copiamos do MANUAL DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA, a seguinte oração:

«Lembrai-vos, ó purissimo Esposo de Maria Virgem, e meu doce protector S.

José, que jámais se ouviu dizer, que alguém livesse invocado a vossa protecção, e implorado o vosso soccorro, e não fosse por vós consolado. Com esta confiança venho á vossa presença, e a vós fervorosamente me recommendo. Não desprezeis as minhas supplicas, ó Pae putativo do Redemptor, mas dignae-vos de acolhel-as piedosamente. Amen.»

(O SS. Padre Pio IX concedeu 300 dias de indulgencias cada vez no dia em que se recitar esta oração. Decreto de 26 de junho de 1863).

R.

SECÇÃO LITTERARIA

AS AVE-MARIAS

De manhã

As nevoas da manhã do plaino se levantam,
Qual incenso subtil que os ceos vae demandar;
E da visinha egreja *Ave-Maria* cantam
Os sinos docemente, enchendo o placido ar.

A primeira oração recebe que n'esta hora
Tantos pios christãos aos pés depoem teus,
De Israel casto lyrio, alta, meiga Senhora,
Do Omnipotente Mãe, prazer dos olhos seus!

Vae breve começar da vida a realidade,
Cortejo de tristeza, afãos e turbação:
Sob o peso fatal da dura humanidade
Quem sabe quantos—ai!—hoje succumbirão?!

Oh! venturoso quem, nas puras madrugadas,
De seus dias a guarda entrega ao teu amor,
E no teu seio a esp'rança e a fé depositadas
Tem sempre, ó celestial, incomparavel Flor.

No oceano do mundo onde brame a procella,
Navega sem temer naufragio triste e cru:
Tem por morte no ceo maravilhosa estrella,
E essa estrella divina, ó Virgem santa, és tu!

Ao meio-dia

O sol, já no apogeu da orbita peregrina,
Com seu calor abrasa a terra, as ondas, o ar:
Ao lavrador cansado, em pé sobre a collina,
Do campanario o som convida a repousar.

Ave-Marias são: persigna-se e, prostrado,
Um momento de prece adoça-lhe o labor;
Sob o verde espinheiro após, feliz, sentado,
Novas forças lhe dão somno, sombra e frescor.

Assim sobre da vida o erguido, arido monte,
Onde, triste romeiro, o mortal rasga os pés,
Lhe opprime os lassos rins, lhe abate a humida fronte,
Fadiga do que andou, desanimo talvez!

Ah! na via do exilio é fundo o desalentol
Que luctas, provações reserva inda o porvir?
Veremos tenebroso ou claro o firmamento?
E a patria a nós cerrar-se ou proxima sorrir?

O' Maria, a nós volve os piedosos olhos,
E dá nos da mão tua o amparo maternal,
Porque, transpondo á vida os rigidos abrolhos,
Findemos santamente a viagem terrenal.

A' tarde

O crepusculo avança... e co'elle o seu imperio
Estende sobre a terra em muda escuridão
De terror e de morte o turbido mysterio,
Grave entenebrecendo o mesto coração.

Tal na tarde da vida a sombra vem dos annos
Roubar-nos a alegria; e só recordações
De illudida esperanza e amargos desenganos
Nos povoam a mente, e tetricas visões!

Turvam a consciencia as culpas do passado...
Acaso para a dor e emenda é tarde já?
Oh! não: do amor divino o cantico pausado,
Que no espaço eccoou, confiança e paz nos dá.

Ave-Marias... Sim, com peito calmo e forte
Repila o peccador, erguendo aos ceos a voz:
«Agora e na solemne hora da nossa morte,
Maria, Mãe de Deus, roga, roga por nós!»

Não nol-a deu por mãe seu Filho quando a via,
Em dor immensa, junto á salvadora cruz?
Sim, Ella nos fará dignos do eterno dia
Que no reino dos ceus nos prometeu Jesus.

A. Moreira Bello.

SECÇÃO NECROLOGICA



Publicando a seguinte carta, damos ao signatario d'ella, amigo e colaborador do *Progresso Catholico*, os mais sentidos pesames, juntando ás suas, as nossas orações:

«... Snr. Redactor.

Mal posso exprimir-me mesmo n'este momento... tam violenta é a dôr que me tem opprimido e me opprime!

Não encontro expressões: ha cousas que só se sentem...

No dia 20 evolou sua alma a Deus minha estremecida Mãe; ha tres dias e só agora posso respirar.

Sim, respiro e é para pedir suffragios por aquella que todos que a conheciam, reputam santa...

As lagrimas seguiam-se, multiplicavam-se no rosto de todos aquelles que tinham conhecimento de tam dura catastrophe, e ao approximar-se a hora derradeira de ser conduzido o corpo á sua ultima morada, até os indifferentes á familia (o que soube no meio do mais confuso, commovedor mas grato espanto) se esbulhavam em sentidas lagrimas! Não teve nem tinha inimigos.

A sua morte, o seu passamento todos o sentiram, todos o deploraram; e tam catholico e fervoroso foi elle, tam sinceramente religiosa e christã havia sido a sua vida, que apenas durou 49

annos, que confio plenamente em Deus Nosso Senhor estará gosando, ou gosará em breve de sua santa presença!

Eis o que me consola no meio d'este mar de amargura!

No entanto, maior consolação me advirá a este dilacerado coração, se V. me permittir que do alto d'esta catholica Revista d'onde diviso quasi quatro mil piedosos catholicos, eu implore de todos elles as suas ardentes preces por alma d'ella, de minha sempre chorada Mãe, D. Thomasia Rita Pinto Netto que, alem de fervente christã, fiel e boa esposa, estremecida e desvelada Mãe, era constante leitora d'este seu piedoso jornal.

Permitta-m'o, permitta-m'o, snr. redactor, que assim, alem da gratidão que para com V. me ficará indelevelmente gravada no coração, teremos todos nós, terão os nossos leitores, mais uma advogada ante o throno divino a recompensar-nos exuberantemente este pequeno sacrificio que façamos, contribuindo para satisfazer até ao ultimo ceitil de culpa, que, por ventura, haja de expiar.

Permitta-m'o, permitta-m'o, snr. redactor, porque isto que avança não é uma vã expansão mas uma realidade!

Realidade que se é triste e esmagadora por um lado, tem por outro, como vê, face consoladora, salutifera.

Grande Deus! já que não quizesstes permittir que eu na minha 1.ª Missa entre o fervor e jubilosos vôos do meu coração rogasse pela saúde de minha Mãe que consolava minhas desditas, que fazia os meus encantos, concedei ao menos que, mormente entretanto através da mais cruciante dôr eu não possa na mesma occasião rogar

pelo seu eterno descanso,—as orações dos sinceros e religiosos leitores subam até ao vosso throno, onde sejam recebidas proficuamente como suave, balsamico, salutar aroma.

E não desejo tomar-lhe mais espaço, snr. redactor; sei quanto elle é limitado; o meu fim é justo, é santo; exprimi-o, e isso me satisfaz na impossibilidade de maior satisfação.

Entretanto confiado nos seus bons officios subscrevo me como sempre

De V.

servo obrigado

Algoz, 23 de fevereiro de 1888.

David José Pinto Ribeiro Netto.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Aos nossos bondosos assignantes

Como prevenimos os nossos illustres assignantes, ao terminar o 9.º anno, vamos mandar fazer a cobrança das assignaturas por meio das repartições postaes dos diversos concelhos do paiz.

Dissemos que quem não tivesse satisfeito as suas assignaturas até á publicação do 3.º n.º do 10.º anno, fariamos a cobrança pelo correio, mas a razão de 1\$000 réis por cada assignatura; mas não cumprimos o que disseramos n'este ponto, porque não queremos que julguem o «Progresso Catholico» uma empreza mercantil. Vamos fazer a cobrança pelo correio, pelo preço de 600 réis cada anno, acrescentando unicamente as despesas com a cobrança, que não excederão a 60 ou 80 réis. E levamos em conta estas despesas, porque é costume serem feitas pelos assignantes, e mesmo nada lhes custa dar mais 60 ou 80 réis, ao passo que nós, se fossemos a gastar 80 réis em cada assignatura, teriamos uma despesa por anno de 320\$000 réis em 4000 assignaturas.

Ficam, pois, prevenidos os nossos bons assignantes de que sacaremos contra todos pelas importancias em divida de mais de um anno, incluindo o corrente, esperando que os que só tem por pagar o 10.º anno o façam por qualquer via, pois que por 600 réis não vale a pena a cobrança pelo correio.

Esperamos que todos satisfaçam, e mais desejamos o façam antes que nós saquemos, pois nos tiravam trabalho.

Iremos annunciando os concelhos para onde são mandados os recibos.

Damos aos nossos leitores, e com especialidade aos da Madeira, a noticia de que no proximo numero principiaremos a publicar uma serie de artigos acerca da questão agraria na Madeira, por um dedicado filho da mesma ilha.

Tem sido, graças a Deus, tantas as novas assignaturas que nos tem sido enviadas pelos amigos da nossa Revista, que se acham esgotados os numeros até hoje saidos, vendo-nos obrigados a não aceitar mais assignaturas desde o principio do anno, devendo as que de hoje em diante nos forem enviadas, ter principio do n.º 10 em diante, ou em qualquer dos seguintes, fazendo-se a conta aos numeros para que fique paga a assignatura até ao fim do anno.

Por esta occasião, dando graças ao Senhor, que tanto ajuda a propaganda do *Progresso Catholico*, enviamos mil agradecimentos aos nossos bons amigos, pelo empenho com que tem divulgado o nosso humilde quinzenario.

O nosso Santissimo Padre Leão XIII, por um breve de 26 de dezembro de 1887, e em harmonia com o pedido que o muito reverendo Geral da Ordem dos Irmãos Menores da Observancia de S. Francisco fez ao mesmo Santo Padre, manifestando-lhe a penuria em que os frades franciscanos, que custodeam os lugares santos, se acham, determinou «que todos os Patriarchas, Arcebispos, Bispos e outros Ordinarios do mundo inteiro fiquem obrigados, por santa obediencia, a velar porque em cada igreja parochial de suas Dioceses respectivas se recommendem d caridade dos feis as necessidades da Terra Santa, ao menos uma vez cada anno — EM SEXTA FEIRA SANTA, ou em outro dia d escolha do ordinario.»

Não publicamos todo o breve porque nos falta o espaço, mas ali fica o principal.

Chamamos a attenção dos leitores para o artigo, publicado hoje no «*Progresso Catholico*», sob a epigraphe— *Missionarios em Rebordões*. Testimunha elle uma das varias manifestações da propaganda catholica, de que tanto se carece em Portugal, depois que n'este paiz, outr'ora abençoado, começou a haver admiradores e apaixonados, não tanto do talento de Voltaire e de Rousseau, como das suas phrases d'um me-

phistophelismo lastimavel, e conseguentemente d'uma falsidade hedionda. A esses taes aconselhamos lhes missões como as de Rebordões, no concelho de Santo Thyrso, ou leituras substanciaes e solidas, como as de Gaume, Freyssinous, Moigno, Nicolas, Ramière, Monsabrè, e tantos outros. Como o sabio Manning, leiam, leiam, que a verdade illuminar lhes-á o espirito, e fará mais uma conquista.

Não podemos deixar de condemnar o brutal e estúpido attentado de que foi victima na Covilhã, o vendedor do uosso respeitavel collega lisbonense *A União Nacional*. Porque este jornal é catholico, porque é legitimista, foi barbaramente espancado nas ruas da Covilhã o individuo que o vendia, e isto na mesma terra, no mesmo dia, á mesma hora, em que os jornaes mais impios, mais indecentes, mais incendiarios, se espalhavam nas ruas d'aquella cidade.

Custa a crer, e parece que este paiz, em vista d'este attentado e do que deploramos não ha muito perpetrado contra o *Commercio do Minho*, vac caminho certo para a mais feroz das tirannias, para o mais desenfreado despotismo. Onde a civilização d'este povo?

Conta-nos um nosso esclarecido collega do reino visinho, que em Malaga se finara um homem de fome, abandonado completamente por seus filhos, a quem desde creancinhas ensinara a blasfemar de Deus e da Igreja, manifestando sempre ideias anti-religiosas.

Servirá este exemplo a muitos paes que não sabem, ou não querem educar christãmente seus filhos?

Deus queira que sirva.

Como deve ser consolador para o coração amantissimo do Santo Padre Leão XIII, as muitas provas de estima, de devoção e entusiastica homenagem que todos os seus bons filhos lhe tributam! Agradabilissimo lhe devera ser a respeitosa offerta de um indio da California, que consistiu n'uma photographia do mesmo indio, da idade de cento e quarenta annos, e de uma declaração de que sempre pedirá ao Senhor pela conservação e triumpho de Sua Santidade!

Esta homenagem foi apresentada ao Santo Padre pelos missionarios e alumnos da propaganda.

Sublime! magnificamente sublime!

Não contentes ainda os revolucionarios italianos com terem prisioneiro no Vaticano o Pae commum dos feis, lemb'raram-se agora de mais uma infamia, o construir em edificações junto aos muros das dependencias do Vaticano, de modo a verem o que se passa dentro

da prisão do Papa, e a poderem arremessar para dentro aquillo que a sua vontade lhe sugerir, e a lei das *garantias* lhe permittir.

E' um modo *digno* de estreitar cada vez mais o espaço onde tem prisioneiro o Vigario de Jesus Christo.

Mad. Bonsincaut, proprietaria dos grandes armazens de Paris, Bon Marché, legou 10 milhões de francos para a edificação de um hospital em Paris, com a condição de que o serviço interior hade ser feito por Irmãs da Caridade, dispondo que fica nullo o legado se não forem admittidas as Irmãs, ou, sendo-o, as expulsem em qualquer occasião.

Que santa mulher, e que bom emprogo deu aos seus capitaes. Mas a condição, a condição de ser o hospital servido unicamente por Irmãs da Caridade, é que tem um grande valor.

Os missionarios! Porque se faz tão crua guerra a esses obreiros do progresso, a esses apóstolos da civilização?

E' porque elles são a luz, a salvação dos povos, e a gloria das nações d'onde são filhos. E' por isso, hade ser por isso que d'elles não gostam os *amigos* da liberdade. E' porque elles fazem, o que os gazeteiros e os politicos não sabem, não podem, nem querem fazer. Sabem os nossos leitores o que elles fazem? Leiam a seguinte noticia:

«Desde 1825, o Seminario das missões estrangeiras, de Paris, tem enviado para o extremo Oriente 964 missionarios, 31 dos quaes foram martyres; 600 estão ainda evangelizando no Japão, Corêa, Thibet, China e Indias Orientaes. Andam por 10:000 os adultos que cada anno convertem ao christianismo, e por 100:000 as creanças que salvam.»

E' para que em prol de Portugal os missionarios não façam d'isto que os *liberalissimos* legisladores d'estes reinos não querem frades-missionarios.

Escrevem-nos de Lamego:

«Quando a aurora de 9 do corrente distendia suas diamantinas azas, um entusiasmo arrebatador possuia os corações dos Seminaristas Lamecenses, que premeditavam festejar a canonização de S. João Berchmans.

Esta festa era promovida pela classe mais infantil, que tomava por protector e modelo aquelle Santo, cujas virtudes tanto se amoldavam aos desejos de sua tão pura innocencia: era um encanto vêr como aquellas gentis creanças, se esmeravam nos preparativos de tão entusiastica festa. De manhã houve sermão e missa cantada, a que presidiu S. Ex.^a R.^{ma} o snr. Arcebispo de Larissa.

A missa foi cantada por alguns Seminaristas e acompanhada a órgão pelo professor de musica dos mesmos: parece que os briosos cantores viveram por mira fazer phantasiar aos ouvintes, com seus patheticos arroubos, os encantos que no empyreo goza o festejado.

O orador foi o snr. José Joaquim Baptista Lamas, alumno do segundo anno, que, juntando o util com o deleitavel, fez resaltar uma eloquencia que poucas vezes se encontra nos bancos d'uma academia.

A' uma hora veio S. Ex.^a R.^{ma} jantar com os seus futuros cooperadores, como muitas outras vezes o ha feito: é realmente edificante vêr como S. Ex.^a R.^{ma} está sempre prompto a honrar e abrilhantar a mais humilde festa que os seus amados Seminaristas pretendam fazer: o snr. D. Antonio tendo tão sabiamente desempenhado o munus apostolico, quiz que o seu ultimo acto apregoasse a sua eterna memoria, qual o de eleger um tão digno successor.

Se a festa não tivesse sido premeditada secretamente pelos seus promotores, haveriam aqui, como é costume, variados e longos discursos; havendo contudo varias poesias da parte dos festeiros, onde se distinguu o snr. Baltezar Ribeiro de Jesus, alumno do curso superior, sob cuja direcção se acham os que promoveram a festa, com uma arrebatadora poesia e um alongado discurso.

De tarde houve—Tantum-Ergo—cantado a musica por dois Seminaristas, que faziam lembrar as sonoras entoações dos Anjos, ao receberem em sua companhia o Bemaventurado Berchmans,—Te-Deum—, e Benção dada por S. Ex.^a R.^{ma} o snr. Arcebispo de Larissa, e sermão pelo R.^{mo} snr. Padre Melli da companhia de Jesus: deixou aos caros leitores o juizo sobre o sermão de tão valoroso soldado da Igreja e bemfeitor da humanidade, porque os efeitos de suas palavras poderão sentir-se, mas não escrever-se.»

E' do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* o seguinte suelto, que damos de presente aos sabios:

«*Macaqueiros confundidos.*—Lê-se na *Civiltà*, n.º 897:—«No congresso de naturalistas e medicos allemães, reunidos em Wiesbaden a 22 de Setembro o Sr. Virchow, que é tido como grande sabio em sciencias naturaes, e por outra parte incredulo em religião, proferiu um discurso, que é uma verdadeira condemnação das «doutrinas modernas». O insuspeitissimo doutor mostrou com toda a clareza que o homem prehistorico pertencente ao periodo diluviano, é um homem como o de hoje; que um ser intermedio entre o macaco e o homem nunca existiu. As proprias raças mais imperfeitas que se tem podido descobrir, sobre tudo na Australia, são compos-

tas de homens dotados em tudo da nossa organisação. A theoria da origem simiana do homem, não tem nenhum fundamento na sciencia. Tambem é inadmissivel que as diferentes especies de animaes possam ser o resultado de transformações successivas. Os mais ardentes partidarios do transformismo, como Haeckel e Vogt, são hoje obrigados a admittir a origem separada das especies principaes. N'uma palavra, as doutrinas expostas no longo discurso de Virchow avizinham-se admiravelmente das expostas nos dogmas christãos.—O que dirão a isto os nossos sabios de contrabando a que nos referimos ainda na pag. 636, fasciculo 82?»

J. de Freitas.

ANNUNCIOS

Septenario das Dores de N. Senhora

O mais completo e mais usado pelas pessoas devotas, pelo que tem todos os annos uma procura extraordinaria.

1 volume de 47 paginas 60 rs.

Quem comprar 3 exemplares, custa 120 réis francos de porte, pelo correio.

Pedidos, com a importancia, a Teixeira de Freitas—Guimarães.

Manual do Christianismo

UNICO LIVRO DE REZA APPROVADO E ESPECIALMENTE RECOMMENDADO PARA USO DOS FIEIS

Pelo ex.^{mo} Arcebispo de Mytilene, no impedimento do em.^{mo} Cardinal Patriarcha de Lisboa

K PELOS EM.^{mos} K EX.^{mos} PRELADOS

Cardenal Bispo do Porto — Arcebispos: Primaz de Braga; de Evora — Bispos: Conde de Coimbra; de Lamego; de Angra; do Funchal; de Cabo Verde — Vigarios Capitulares: de Vizeu; da Guarda; de Portalegre; de Leiria; de Faro

Ordenado e consideravelmente augmentado pelo rev.^{mo} Padre LUIZ PROSPERO PERAGALLO, cura da igreja de Nossa Senhora do Loreto, de Lisboa, e por A. DA SILVEIRA PINTO, Commendador da Ordem de S. Gregorio Magno, de Roma.

NONA EDIÇÃO

Forma este precioso livro um elegante volume in-32—de 936 paginas, nitidamente impresso em bom papel — contendo: 1.º Grande numero de orações indulgenciadas para todas as devoções.—2.º Parochiano Romano, comprehendendo todas as Missas dos Domingos, e as das Festas de Christo, da Virgem Maria, e dos principaes Santos de maior devoção.—3.º Os Officios e Missas da Semana Santa, na sua integra.—Um lindo frontispicio colorido, 10 boas gravuras, e muitos emblemas religiosos.

IMPORTANTE.—Não se confunda este livro de resa com os publicados até hoje, por ser este o mais completo e unico que reúne o conteúdo de tres livros.

Grande variedade de encadernações para todos os preços

Carneira, 600 réis; Percoline, 700 reis; Marroquim, 800 reis; dourado por folhas, 15000 réis; com feixo, 15100 réis; com cantos e feixos, 15300 réis; com cantos, emblemas e feixo, 15400 e 15500 reis; Chagrim dourado por folhas, 15200 réis; com feixo, 15300 réis; com dois feixos, 15500; com arcos, 15600 réis; com dois elegantes feixos grandes, 15800 a 23000; com folhas de côr com estrellas, e feixos pequenos e grandes desde 15600 a 23250 réis; Valludo com emblemas e feixo, desde 25000 a 35000 réis; brevemente haverá um lindo e variado sortimento d'este livro com encadernações de buffalo, tartaruga e marfim, desde 45500 a 95000 réis; Madreperola desde 75000 a 1355000 réis; etc.

A' VENDA EM SEPARADO

Officios e Missas da Semana Santa, extrahidos do sobredito **Manual do Christianismo**. Um bonito volume in-32, de 328 paginas com todos os Officios e Missas da Semana Santa, frontispicio colorido e 4 gravuras. Encadernado em percoline, 400 rs.

Remette-se qualquer d'estes livros, franco de porte, bem acondicionado, a quem mandar, em valles ou estampilhas do correio, a importancia do pedido á **Empresa Editora de Francisco Arthur da Silva, Rua dos Douradores, 72, Lisboa**. Para o estrangeiro e ultramar addicionar-se-ha aos preços marcados mais 10 por cento para o excesso do porte. Os preços marcados são em moeda forte. Os pedidos com a importancia tambem podem ser feitos a TEIXEIRA DE FREITAS—Guimarães.